

Fenícios e Indígenas em Rocha Branca, Abul, Alcácer do Sal, Almaraz e Santarém. Estudo comparado dos mamíferos

João Luis Cardoso

1 - Introdução

No decurso de escavações arqueológicas efectuadas em Portugal nos anos 80 e já na presente década foi documentada, de forma categórica, a existência de locais de fundação fenícia, ou que receberam directamente produtos de fabrico oriental, através do comércio fenício, efectuado ao longo do litoral atlântico. Tais descobertas vieram revolucionar o "dogma" da inexistência de estabelecimentos fenícios para Oeste de Cádiz (SCHUBART, 1982). Com efeito, as características de implantação destas estações são condizentes com a intensa navegação e comércio com que estavam relacionadas; correspondem a colinas dominando vastos estuários e em fácil comunicação, simultaneamente, com a costa oceânica adjacente e com o interior, através da via fluvial respectiva, própria à circulação e ao escoamento dos produtos que eram, afinal, a justificação principal para a presença, neste confim do mundo mediterrâneo, de comerciantes fenícios. De Sul para Norte, seguindo a costa atlântica, temos, até ao presente em território português, seis arqueossítios com ocupações dos séculos VIII a VI AC, onde foi reconhecida a presença fenícia (ou, ao menos, de materiais orientais), cuja caracterização se apresenta de seguida.

2 - Os sítios

2.1 - Cerro da Rocha Branca (Silves)

Trata-se de uma pequena colina, perto da actual cidade de Silves, sobranceira ao rio Arade, dominando-o da margem direita. Na Idade do Ferro, teria constituído pequena península, favorável à acostagem ou fundeadouro de embarcações. As escavações ali realizadas, antes da destruição total da estação, permitem aceitar a hipótese de um estabelecimento fenício, amuralhado, com torres ocas de planta quadrangular a rectangular que defenderiam casas e armazéns (GOMES, 1993).

A fase mais antiga da ocupação sidérica foi datada pelo radiocarbono e as respectivas calibrações efectuadas através da curva de PEARSON *et al.*, 1986 (Radiocarbon, 28 (2B), p. 911 - 934):

Madeira - ICEN 201 - 2450 ± 45 BP (= 789 - 401 cal AC, para 2 sigma);

Madeira - ICEN 853 - 2570 ± 45 BP (= 820 - 759; 685 - 655; 641 - 548 cal AC, para 2 sigma);

Conchas - ICEN 852 - 3010 ± 45 BP = 2650 ± 6 BP, depois de corrigida para o efeito de reservatório oceânico $\Delta t = 360 \pm 35$ anos (= 920 - 780 cal AC, para 2 sigma).

De acordo com os resultados cronométricos, a Rocha Branca poderia ter sido ocupada desde os inícios do século VIII AC. Porém, "apenas um fragmento de ânfora de tipo fenício, contendo porção do bordo e com o corpo pintado de cor vermelha escura, dois fragmentos de pratos de "verniz vermelho" e escassas cerâmicas cinzentas, podem, entre o pequeno número de materiais recolhidos, claramente sustentar tal cronologia" (GOMES, 1993, Fig. 10), a qual será mais prudente fazer coincidir com todo o século VII e VI AC.

Os materiais osteológicos estudados provêm, justamente, desta primeira fase de ocupação do sítio e foram já anteriormente objecto de estudo monográfico (CARDOSO, 1993).

2.2 - Abul (Alcácer do Sal)

Trata-se de assentamento fenício instalado em uma pequena península da margem direita do estuário do Sado.

A implantação, em tal local, de um assentamento de fundação fenícia poderá relacionar-se com explorações mineiras, situadas nas proximidades (MAYET & SILVA, 1993); tanto as características arquitectónicas das estruturas postas a descoberto como os materiais exumados indicam, inquestionavelmente, tratar-se de local onde os fenícios se instalaram, com intuítos comerciais, no decurso da segunda metade do século VII AC (MAYET & SILVA, 1994). Os materiais osteológicos e agora estudados correspondem a essa fase de ocupação.

2.3 - Castelo de Alcácer do Sal (Alcácer do Sal)

O morro miocénico onde se ergue, actualmente, o Castelo de Alcácer do Sal dominando todo o vale do baixo Sado, do alto da sua encosta direita, corresponde a um verdadeiro "tell", ocupado desde o calcolítico até à Baixa Idade Média. No decurso da Idade do Ferro, terá sido ininterruptamente ocupado (as descontinuidades estratigráficas observadas não corresponderão a verdadeiros episódios de abandono) desde o século VII AC até à plena romanização. Os estratos 10 e 9 representam a Fase III de ocupação do sítio, atribuível aos séculos VII - VI AC; do ponto de vista material, avultam "as cerâmicas de engobe vermelho que, nos séculos VII e VI, se distribuem pelas costas do Sul da Península e se assumem como dos elementos mais característicos....." (SILVA *et al.*, 1979/80, p. 171). Por seu turno, os estratos 8 e 7, correspondem à Fase IV de ocupação, situável nos séculos IV e III AC O respectivo conteúdo material atesta a forte ligação comercial de tais populações ao Mediterrânico, "mas onde o elemento orientalizante já não está presente" (SILVA *et al.*, 1979/80, p. 210 - 211).

Os restos faunísticos agora estudados provêm dos estratos 10 e 9 da referida sucessão.

2.4 - Almaraz (Almada)

O morro do Almaraz é um estreito esporão talhado em terrenos miocénicos dominando, da margem esquerda, o estuário do Tejo. Na sua base, situa-se uma pequena enseada abrigada, propícia a embarcadouro, utilizado pelo menos da época romana à actualidade. O referido esporão encontra-se dividido em duas plataformas. Uma, mais alta e muito erodida, terá sido ocupada no decurso do Bronze Final, como revela a abundância de cerâmicas manuais ali recolhidas. Outra plataforma, mais baixa, a cerca de 40 m de altitude, revelou larga predominância de fragmentos de cerâmicas fenícias ou de imitação oriental. Esta última ocupação não terá sido coeva da ocupação indígena, como sugere a distribuição diferenciada do espólio cerâmico; porém, mesmo que tal tivesse acontecido, nada obsta a considerarmos a hipótese de uma presença fenícia directa, à semelhança de outros casos conhecidos de estabelecimentos fenícios instalados nas imediações de povoados indígenas. Com efeito, a situação de Almaraz afigura-se semelhante tanto àquela que SCHUBART & NIEMEYER (1976) depararam na feitoria fenícia de Morro de Mezquitilla, junto da foz do rio Algarrobo como à descrita para o estabelecimento da foz do rio Guadiaro, Cádiz (SCHUBART, 1987). Num caso ou no outro, isto é, estando o núcleo indígena do Bronze Final ainda ocupado ou já abandonado, chegaríamos à conclusão que consideramos mais aceitável: o carácter exógeno do estabelecimento sidérico da plataforma inferior do Almaraz, compatível com uma feitoria fenícia (CARDOSO, 1995). Tal conclusão é reforçada pelos resultados obtidos na escavação de uma fossa de acumulação de detritos situada na referida plataforma: dos 21 947 fragmentos cerâmicos recolhidos, apenas 3,6% são de cerâmicas manuais indígenas, percentagem que salienta o cunho exógeno da respectiva ocupação, cujas características orientalizantes são acentuadas pelo extraordinário conjunto de 1926 fragmentos de cerâmicas de verniz vermelho ali recolhidos. Foi, também, de tal estrutura que provêm os restos faunísticos agora estudados, os quais possibilitaram a obtenção de duas datas de radiocarbono (calibradas pela curva anteriormente referida):

Conchas - ICEN - 914 - 2640 ± 50 BP, depois de corrigido o efeito de reservatório oceânico (= 900 - 780 cal AC, para 2 sigma);

Madeira - ICEN - 926 - 2660 ± 50 BP (= 910 - 790 cal AC, para 2 sigma).

A elevada antiguidade destas datas, fazendo remotar a presença fenícia no Almaraz para, pelo menos, inícios do século VIII deve ser interpretada com a máxima reserva. Com efeito, os materiais mais antigos recolhidos no referido contexto fechado - uma fossa de acumulação seria, por certo, rapidamente preenchida - susceptíveis de serem datados com segurança não ultrapassam o século VII AC (CARDOSO, 1990; BARROS, CARDOSO & SABROSA, 1993).

De entre tais materiais, os pratos assumem particular interesse pelas informações cronológicas que possibilitam, através da respectiva largura do bordo (SCHUBART, 1982, 1988); em Almaraz observou-se a seguinte distribuição:

- largura do bordo até 35 mm - 2 exemplares;

- largura do bordo até 55 mm - 4 exemplares;
- largura do bordo superior a 55 mm - 12 exemplares.

Tendo presente SCHUBART (1988), apenas um número representativo de exemplares poderá conduzir a conclusões de índole cronológica credíveis. Isto significa que, se acaso considerássemos apenas os pratos com largura do bordo menor (os dois exemplares com 25 mm) obteríamos uma cronologia para o sítio do último terço do século VIII AC, tomando como comparação directa os pratos bem datados dos estratos II e III de Tiro (SCHUBART, 1982, Fig. 18) e não do final do século VII AC, como indica a totalidade do conjunto.

Acresce que, até ao presente, apenas foi reconhecido um único estabelecimento fenício na Península com cronologia dos inícios do século VIII AC: o Morro de Mezquitilla (Málaga) (SCHUBART, 1982). cremos que, por conseguinte, a atribuição de cronologias idênticas a estações do território português onde, não obstante, a presença fenícia se encontra bem documentada por provas materiais, exige as maiores cautelas. É o caso dos materiais (ainda não publicados em pormenor) da Sé de Lisboa (MATOS, 1994) sítio que, conjuntamente com o Almaraz dominaria a entrada do estuário do Tejo e sua navegação e da Alcáçova de Santarém, estação que será seguidamente referida.

2.5 - Alcáçova de Santarém

O morro onde se implantou, em época medieval, o Castelo de Santarém, cerca de 80 Km a montante de Lisboa, domina, do alto de uma abrupta escarpa da margem direita do Tejo, uma vasta panorâmica de todo o baixo Tejo, situado em plena campina ribatejana.

A ocupação sidérica ali identificada na década de 80 pode relacionar-se com o controlo daquela via fluvial e do comércio que por ela era canalizado.

Tratar-se-ia de um entreposto comercial, verdadeiro "lugar central" onde se centralizariam e permutariam as produções locais, regionais ou transregionais oriundas da Beira Baixa e da Beira Alta através do vale do Tejo e dos seus afluentes da margem direita, onde avultavam as matérias-primas (ouro e estanho).

Por outro lado, a grande riqueza agro-pecuária da região justificava - por si só - a sua demanda pelos Fenícios, subindo o curso do baixo Tejo, o qual atravessa as melhores terras de aptidão agro-pecuária do País. Com efeito, AUBET-SEMMLER (1991, p. 622), declara que as produções agro-pecuárias, nas zonas mais férteis de entre aquelas com que os Fenícios estabeleceram contacto, seriam suficientes para justificar a sua presença. No caso do Cerro del Vilar (Málaga), por exemplo, a ausência de recursos minerais na região leva a "descartar, por conseguinte, la búsqueda y explotación de metales como uno de los móviles relacionados con las estrategias de control de recursos de los colonos fenicios del Guadalhorce. Por el contrario, una agricultura de regadío y, como complemento, la actividad ganadera bastarían por sí solas para justificar el origen de la colonia insular del Villar".

A importância da criação de gado no baixo Tejo encontra-se sublinhada pela bem conhecida menção de Terencio Varrão (117 - 27 AC) e de Caio Plínio Segundo (23 - 69 DC) de que as éguas da Lusitânia, por serem tão velozes, concebiam do vento..... alusão clara à excelência destes animais que encontrariam, nas vastas campinas do Ribatejo, tal como na actualidade, as condições ideais à sua criação.

Não espanta pois, que entre o espólio recolhido no local em apreço se tenha encontrado um importante conjunto osteológico, situado entre os séculos VIII e VI AC (segundo informações da Dra. Ana Margarida Arruda, que agradecemos). Uma cronologia tão recuada para o início da presença fenícia no local, baseia-se, de momento, apenas em uma datação de radiocarbono, de limitada representatividade (ARRUDA, 1993):

ICEN - 532 - 2640 + 50 BP (= 910 - 790 cal AC, para 2 sigma, utilizando a curva de calibração atrás mencionada).

Deste modo, tal como em outros locais, impõe-se um estudo sistemático dos materiais arqueológicos susceptível de confirmar esta datação.

2.6 - Outras ocorrências

São ainda de mencionar três ocorrências, não abordadas em pormenor neste estudo, embora por razões diversas. São elas:

- A plataforma da Sé de Lisboa, cujo espólio osteológico terá um grande interesse, especialmente na perspectiva comparativa com o exumado no Almaraz situado defronte, no outro lado do estuário do Tejo.
- A colina de Santa Olaia, bem conhecida desde as explorações pioneiras de Santos Rocha (ROCHA,

1905/08), retomadas recentemente (PEREIRA, 1993) e cujo espólio osteológico nos foi confiado para estudo; porém, a falta de segurança, no actual estado de conhecimento da estação, da cronologia da sua fase mais antiga de ocupação, justificou a opção de não a incluir neste estudo.

Enfim, em Conimbriga, o estrato sidérico ofereceu materiais fenícios situados entre os séculos VIII e VI AC (CORREIA, 1993). Os respectivos materiais osteológicos não foram, porém, separados dos mais modernos, já da época romana, pelo antigo explorador da cidade, Vergílio Correia.

*

* *

Em conclusão do que foi dito, verifica-se que, até ao presente, em território português, foram identificados dois sítios atribuídos pelos seus descobridores e exploradores a estabelecimentos fenícios: Rocha Branca (Silves) e Abul (Alcácer do Sal). Contudo, enquanto no primeiro a cronologia daquela presença foi recuada ao século VIII AC, no segundo não ultrapassava os meados do século seguinte. A estes dois sítios poder-se-ia juntar de o Almaraz (Almada), cuja cronologia, a atentarmos à tipologia do espólio recolhido também não ultrapassa a segunda metade do século VII AC.

Todos eles ofereceram espólio osteológico, estudado neste trabalho.

A povoados indígenas, fortemente relacionados com a presença de comerciantes fenícios, devem reportar-se as estações do Castelo de Alcácer do Sal e da Alcáçova de Santarém. A análise dos restos faunísticos, permitirão estabelecer comparações com o tipo de alimentação dos ocupantes dos estabelecimentos fenícios com os quais mantinham contacto.

Em Alcácer do Sal, a tipologia dos materiais fenícios exumados não ultrapassa os meados do século VII AC, enquanto que em Santarém, aquela presença seria recuada para inícios do século VIII AC.

No estado actual dos nossos conhecimentos, são estes os sítios, no território português, cujo espólio faunístico é susceptível ser valorizado no âmbito do conhecimento da alimentação e bases de subsistência da época fenícia.

3 - Os restos faunísticos

3.1 - Rocha Branca

Os 199 restos de grandes mamíferos (incluindo Lagomorpha) identificados distribuem-se pelos seguintes táxones (CARDOSO, 1993):

<i>Bos taurus</i>	66
<i>Capra/Ovis</i>	35
<i>Sus sp.</i>	20
<i>Cervus elaphus</i>	15
<i>Equus asinus</i>	40
<i>Canis familiaris</i>	13
<i>Oryctolagus cuniculus</i>	10

O conjunto representa um número reduzido de indivíduos; prova disso é o facto de os 40 restos de *E. asinus* corresponderem, apenas, a um indivíduo, representado sobretudo pelos ossos do crânio e respectivos dentes.

A distribuição anatómica das peças ósseas parece sugerir que, enquanto ovinos e caprinos seriam, sobretudo, consumidos localmente - o mesmo acontecendo com os suídeos e o veado - o boi doméstico destinar-se-ia, sobretudo, a produção de carne para exportação. Tal conclusão é apoiada pela nítida escassez de peças do esqueleto axial, ou dos ossos dos membros correspondentes ao maior volume de carne, em contraste com os ossos da cabeça (incluindo dentes) e das extremidades dos membros. Com efeito, os terrenos adjacentes reuniam condições propícias à existência de pastagens, adequadas à bovinicultura.

Neste contexto, a caça assumiria um papel secundário: praticar-se-ia a do veado e do javali; a maioria dos restos de suídeo são reportáveis a javali, sem, no entanto, outros, pelas dimensões, deixarem de poder pertencer a animais domésticos ou estabulados. O cão merece referência especial. Os 13 restos identificados pertencem a um único indivíduo (13 vértebras). Uma delas ostenta uma marca de corte ("cut mark") indício de que o exemplar teria sido consumido (CARDOSO, 1993, Est. I, nº 8; CARDOSO & GOMES, 1997). Tal prática, era, de facto, bem conhecida dos Fenícios.

O burro doméstico é outro táxone cuja presença deve ser relevada. Os 40 restos ósseos pertencem, quase todos, à cabeça de um indivíduo masculino e adulto. O contexto respectivo (uma lixeira) sugere, também, animal consumido.

3.2 - Abul

Os 202 restos de mamíferos classificados, recolhidos nas campanhas de 1993 e 1995, repartem-se pelos seguintes táxones (escavações dirigidas por F. Mayet e C. Tavares da Silva):

<i>Bos taurus</i>	40
<i>Capra/Ovis</i>	48
<i>Capra hircus</i>	5
<i>Ovis aries</i>	8
<i>Sus sp.</i>	26
<i>Cervus elaphus</i>	6
<i>Oryctolagus cuniculus</i>	69

Uma primeira evidência é a da presença de numerosos restos de indivíduos juvenis ou subadultos, em todas as espécies identificadas, exceptuando-se o veado). Predomina largamente o boi, estando presentes segmentos de todas as partes do esqueleto, ao contrário do verificado na Rocha Branca. A frequência desta espécie explica-se, tal como ali, pelas características adequadas da região à bovinicultura; os ovinos e caprinos (cujos restos, nalguns casos, permitiram destriça, com ligeira predominância da ovelha) seguem-se em termos de carne consumida, sucedidos dos suídeos. Nesta Família, reconheceu-se o javali, pela existência de indivíduos de tamanho compatível com a espécie; outros, de menores dimensões, poderão pertencer a porco doméstico. As espécies caçadas estão, ainda, representadas pelo veado; os escassos restos identificados mostram a pouca importância das actividades cinegéticas na dieta alimentar destas populações (tal como na Rocha Branca), não obstante o veado poder ser abundante, nos bosques de caducifólias envolventes da estação.

Nas espécies identificadas, todos os segmentos anatómicos encontram-se representados em proporções harmónicas, sugerindo abate e consumo no local.

3.3 - Castelo de Alcácer do Sal

O escasso conjunto faunístico recolhido nas camadas 9 e 10, coevas da época fenícia de ocupação do local, apresenta a seguinte distribuição (escavações dirigidas por C. Tavares da Silva em 1979 e 1980):

<i>Bos taurus</i>	2
<i>Sus sp.</i>	3
<i>Capra/Ovis</i>	1
<i>Ovis aries</i>	1
<i>Cervus elaphus</i>	1
<i>Oryctolagus cuniculus</i>	6

A distribuição dos restos estudados por espécies sugere diversidade da dieta alimentar das respectivas populações. Estão presentes as principais espécies que integram os conjuntos, mais numerosos, de outras estações.

Evidencia-se a dominância do boi doméstico, ao nível do consumo proteico, especialmente se for considerado o peso do animal vivo. A caça está documentada pelo veado (metatársico direito), pelo coelho, a aceitarmos que se trata de animais selvagens, e talvez pelo javali.

Foi possível fazer atribuir a ovelha uma extremidade articular distal de fémur esquerdo, de indivíduo juvenil não soldada à diáfise. A ovi-caprino indeterminado pertence um pequeno astrágalo, fortemente afeiçoado por polimento, transformando-o em dado de jogo ("ossinho"). Enfim, os suídeos encontram-se representados por uma terceira falange de pequeno tamanho (animal doméstico) e por um fragmento de maxilar esquerdo de juvenil, com porções do D\3 e do D\4 estaladas pelo fogo, de tamanho compatível com javali (exemplares de comparação do concheiro mesolítico do Cabeço da Arruda, Muge, Coleções do Instituto Geológico e Mineiro).

3.4 - Almaraz (Almada)

Na escavação dirigida por L. de Barros, A. Sabrosa e Vítor Santos, em 1988, os 339 restos de mamíferos identificados repartem-se pelas seguintes espécies:

<i>Bos taurus</i>	125
<i>Capra/Ovis</i>	275
<i>Sus scrofa</i>	2(24)
<i>Equus caballus</i> ou <i>E. asinus</i>	1
<i>Cervus elaphus</i>	1
<i>Oryctolagus cuniculus</i>	13

A distribuição apresentada merece alguns comentários. Em primeiro lugar, a dominância da fauna doméstica, e dentre esta, do boi doméstico. Depois, a extrema raridade de suídeos, contrastando com casos anteriores, aqui apenas representados por dois restos de javali (embora um deles corresponda a mandíbula completa, perfazendo 23 restos se considerarmos os respectivos elementos anatómicos individualmente). Enfim, o único resto de equídeo corresponde a uma mandíbula, não discriminada ao nível específico, pois foi mantida no corte tendo, entretanto, desaparecido. Não se observou discrepância quanto à distribuição dos ossos por segmentos anatómicos, o que indicia, como em outros casos, o abate e consumo integral dos animais no local.

3.5 - Alcáçova de Santarém

As 106 peças ósseas recuperadas nas escavações dirigidas por A. M. Arruda em 1989, distribuem-se do seguinte modo:

<i>Bos taurus</i>	25
<i>Capra/Ovis</i>	40
<i>Capra hircus</i>	6
<i>Ovis aries</i>	3
<i>Sus sp.</i>	21
<i>Cervus elaphus</i>	10
<i>Oryctolagus cuniculus</i>	1

O conjunto evidencia a predominância, tal como todos os anteriormente estudados, do boi doméstico, em termos de carne consumida. Segue-se, quase em igualdade de importância, os ovi-caprinos e os suídeos, estes representados apenas seguramente pelo javali (de dimensões idênticas a exemplares mesolíticos da mesma região, do Cabeço da Arruda, incluindo alguns fragmentos de caninos superiores e inferiores). A fauna caçada encontra-se também representada pelo veado, por número de restos que colocam a espécie logo atrás dos dois grupos anteriores. Enfim, o único resto de coelho, talvez também caçado, denotará não tanto a sua raridade na região mas, sobretudo, a técnica de recolha utilizada.

Uma apreciação de distribuição das peças identificáveis, conduz à conclusão de que todos os animais, domésticos ou selvagens, teriam sido consumidos integralmente no local.

4 - Comparações e Conclusões

No Quadro 1 apresenta-se a distribuição dos restos identificados de grandes mamíferos por espécies e por estações. Neste estudo, por limitação de espaço não se procederá a outras considerações de índole arqueozoológica, como a idade de abate ou captura dos animais, as marcas de desmanche que alguns dos ossos apresentam, incluindo padrões de partição dos ossos longos, ou vestígios de práticas culinárias conservadas na sua superfície. Por tal motivo, não se estabelecerão comparações com conjuntos homólogos já reconhecidos no litoral meridional da Península Ibérica.

Quadro I - Distribuição dos restos de grandes mamíferos

	Rocha Branca	Abul	Alcácer do Sal	Almaraz	Alcáçova de Santarém
<i>Bos taurus</i>	66 (33,2%)	40 (19,8%)	2 (14,3%)	125 (36,9%)	25 (23,6%)
<i>Capra/Ovis</i>	35 (17,6%)	48 (23,8%)	1 (7,1%)	275 (81,1%)	40 (37,7%)
<i>Capra hircus</i>		5 (2,5%)			6 (5,7%)
<i>Ovis aries</i>		8 (4,0%)	1 (7,1%)		3 (2,8%)
<i>Sus scrofa/</i> <i>domesticus</i>	20 (10,1%)	26 (12,9%)	3 (21,4%)	24 (7,1%)	21 (19,8%)
<i>Cervus</i> <i>elaphus</i>	15 (7,5%)	6 (3,0%)	1 (7,1%)	1 (0,3%)	10 (9,4%)
<i>Equus</i> <i>caballus/</i> <i>asinus</i>	40 (20,1%)			1 (0,3%)	
<i>Canis</i> <i>familiaris</i>	13 (6,5%)				
<i>Oryctolagus</i> <i>cuniculus</i>	10 (5,0%)	69 (34,2%)	6 (42,9%)	13 (3,8%)	1 (0,9%)
Total	199	202	14	339	106

Os resultados obtidos permitem as seguintes conclusões gerais:

1 - Nítida predominância, em termos de carne consumida, dos grandes bóvidos domésticos, em todas as estações estudadas, sem que se vislumbrem diferenças significativas entre povoados indígenas (14,3% e 23,6%) e os estabelecimentos considerados fenícios (33,2%; 19,8% e 36,9%).

A importância de grandes bóvidos na componente proteica da dieta alimentar, salienta o carácter estável e sedentário das respectivas populações;

2 - Ovelhas e/ou cabras estão sempre presentes, mesmo quando não foram discriminadas com base na respectiva morfologia óssea. Nos casos em que se procedeu à referida separação, os resultados não sugerem estratégia dirigida para a criação de qualquer das espécies em particular;

3 - Os ovi-caprinos partilham, em termos de carne consumida, o segundo lugar, no conjunto dos grandes mamíferos, a par dos suídeos. Porém, a importância relativa dos dois grupos varia: é interessante salientar que é nos povoados indígenas que se verificam as maiores percentagens destes últimos, embora nos estabelecimentos fenícios estejam sempre presentes. A dificuldade de separar o javali do porco doméstico, cuja biometria se sobrepõe, foi nalguns casos ultrapassada, comprovando-se a coexistência de ambos os táxones;

4 - Outra espécie sempre presente é o veado, embora invariavelmente em importância inferior aos grupos anteriormente mencionados. Nalguns casos (Almaraz) os escassos restos identificados podem explicar-se pela raridade da espécie nos biótopos adjacentes, mais do que por deliberada ausência de actividade cinegética. Sem ter em consideração este caso, parece não existirem diferenças significativas na intensidade da prática cinegética entre povoados indígenas e estabelecimentos fenícios, tendo, no entanto, presente, a pouca representatividade numérica dos restos, nalguns casos.

5 - O coelho é outra das espécies sempre presentes, embora em quantidades muito variáveis. Nuns casos, admitimos que a técnica de colheita possa explicar a sua baixa presença; porém, mesmo naqueles casos em que a espécie ocorre em quantidade apreciável (Abul e Alcácer do Sal), o baixo peso do animal jamais lhe confere papel de relevo em termos da carne consumida. Não dispomos, por outro lado, de elementos quanto ao carácter doméstico ou selvagem da espécie.

6 - Outras duas espécies, embora vestigiais, revestem-se de grande interesse. Trata-se do burro, cuja presença foi anteriormente demonstrada na Rocha Branca encontrando-se, talvez, também presente no Almaraz, e do cão doméstico, identificado apenas na primeira das referidas estações, onde teria sido consumido, como sugere uma marca de corte conservada em corpo vertebral.

O burro é considerado como de introdução fenícia na Península Ibérica; neste contexto, a sua ocorrência na Rocha Branca vem estender ao território português a distribuição da espécie, em época centrada no século VII AC.

Bibliografia

- ARRUDA, A. M. (1993) - A ocupação da Idade do Ferro da Alcáçova de Santarém no contexto da expansão fenícia para a fachada atlântica peninsular. *Estudos Orientais*, 4, p. 193 - 214.
- AUBET-SEMMLER, M. E. (1991) - Notas sobre las colonias del Sur de España y su función en el marco territorial: el ejemplo del Cerro del Villar (Málaga). *Atti del II Congresso Internazionale di Studi Fenici e Punici*, 2, p. 617 - 626. Consiglio Nazionale delle Ricerche. Roma.
- BARROS, L. de; CARDOSO, J. L. & SABROSA, A. (1993) - Fenícios na margem sul do Tejo. Economia e integração cultural do povoado do Almaraz - Almada. *Estudos Orientais*, 4, p. 143 - 181.
- CARDOSO, J. L. (1990) - A presença oriental no povoamento da Idade do Ferro na região ribeirinha do estuário do Tejo. *Estudos Orientais*, 1, p. 119 - 134.
- CARDOSO, J. L. (1993) - Contribuição para o conhecimento da alimentação em contexto fenício. Estudo dos restos da Rocha Branca (Silves). *Estudos Orientais*, 4, p. 109 - 126.
- CARDOSO, J. L. (1995) - O Bronze Final e a Idade do Ferro na região de Lisboa: um ensaio. *Conimbriga*, 34, p. 33-74.
- CARDOSO, J. L. & GOMES, M. VARELA (1997) - O consumo de cáo, em contextos fenício-púnicos, no território português. *Estudos Orientais*, 6, p. 39-117.
- CORREIA, V. H. (1993) - Os materiais pré-romanos de Conímbriga e a presença fenícia no baixo vale do Mondego. *Estudos Orientais*, 4, p. 229 - 283.
- GOMES, M. V. (1993) - O estabelecimento fenício-púnico do Cerro da Rocha Branca (Silves). *Estudos Orientais*, 4, p. 73 - 107.
- MAYET, F & SILVA, C. Tavares da (1993) - Presença fenícia no baixo Sado. *Estudos Orientais*, 4, p. 127 - 142.
- MAYET, F & SILVA, C. Tavares da (1994) - L'établissement phénicien d'Abul (Portugal). *Académie des Inscriptions et Belles-Lettres, Comptes Rendus*, 1994, p. 171 - 188.
- MATOS, J. L. de (1994) - As escavações no interior dos claustros da Sé de Lisboa e o seu contributo para o conhecimento das origens de Lisboa. In *O Livro de Lisboa* (Coord. Irisalva Moita), p. 32 - 34. Livros Horizonte. Lisboa.
- PEREIRA, I. (1993) - Figueira da Foz. Santa Olaia. *Estudos Orientais*, 4, p. 285 - 304.
- ROCHA, A. dos Santos (1905/8) - Estações pré-históricas da Idade do Ferro nas vizinhanças da Figueira. *Portugalia*, 2, p. 301 - 359.
- SHUBART, H. (1982) - Asentamientos fenicios en la costa meridional de la Peninsula Iberica. *Huelva Arqueologica*, 6, p. 71 - 99.
- SHUBART, H. (1987) - Hallazgos fenicios y del Bronce Final en la desembocadura del rio Guadiaro (Cadiz). *Anuario Arqueologico de Andalucia*, 1986, p. 200 - 227.
- SHUBART, H. (1988) - Los primeros asentamientos fenicios en las costas de la Peninsula Iberica. *Homenatge a Enrique Pla y Ballester*, p. 31 - 43. Disputació de Valencia.
- SHUBART, H. & NIEMEYER, H. G. (1976) - Trayamar. Los hipogeos fenicios y el asentamiento en la desembocadura del rio Algarrobo. *Excavaciones Arqueologicas en España*, 90. Madrid.
- SILVA, C. Tavares da; SOARES, J.; BEIRÃO, C. de Mello; DIAS, L. F. & COELHO-SOARES, A. (1980/81) - Escavações arqueológicas no Castelo de Alcácer do Sal. *Setúbal Arqueológica*, 5, p. 159 - 184.



Fig. 1. Sítios fenícios ou indígenas de época fenícia do território português com restos arqueozoológicos agora estudados; 1 - Rocha Branca; 2 - Abul; 3 - Alcácer do Sal; 4 - Almaraz; 5 - Santarém.